

ENSINO SUPERIOR: TENDÊNCIAS DO CENÁRIO COMPETITIVO

Ana Cabanas¹, Waldmir Assis Ferreira²

Anhanguera Educacional/Administração, Av. João Batista de Souza Soares, 4121, Colônia Paraíso,
São José dos Campos-SP, 12236-660, [1anacabanas@aedu.com](mailto:anacabanas@aedu.com); [2waldmir.ferreira@aedu.com](mailto:waldmir.ferreira@aedu.com)

Resumo- Com o advento da globalização, o mercado de trabalho instigou a busca constante pelo saber. A necessidade de inovação resultante da competitividade contemporânea marca a Era do Conhecimento e da Informação. Nesse cenário, a intenção, neste artigo, é aguçar a prática efetiva da docência no ensino superior na promoção da criatividade, da contextualização em sala de aula e do empreendedorismo, visando à empregabilidade tão almejada pelos graduandos. Nesta pesquisa bibliográfica, descritiva e analítica com caráter qualitativo utilizou-se como método a abordagem hipotético-dedutiva e dialética, e o procedimento funcionalista. Diante às tendências do mercado competitivo, para oferecer ensino superior de qualidade, os gestores devem ir ao encontro do perfil delineado ao profissional do futuro que tem que vislumbrar nicho de mercado para manter a empregabilidade. De modo geral, conclui-se que os métodos, os quais viabilizam e tangenciam uma avaliação fidedigna, devem ser alinhados a real expectativa do mercado em consonância com a projeção do graduando neste panorama acelerado, audacioso e extremamente competitivo.

Palavras-chave: Educação superior. Criatividade. Contextualização. Empreendedorismo. Empregabilidade.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Educação

Introdução

No panorama do século XXI, o diploma de graduação é apenas uma carta de entrada para o mercado de trabalho, mas não garante a empregabilidade. Os candidatos ao emprego almejado precisam de curso de Pós-graduação, MBA e ser poliglota, visto que além do domínio da língua materna (Português), devem ser fluentes em Inglês e Espanhol – consideradas básicas. Além disso, precisam fazer a diferença com o domínio de Mandarim devido à projeção economia da China.

Reflexo do capitalismo, que ganhou ainda mais força com a globalização, o mercado oferece concorrência acirrada às empresas, para as quais, por uma questão de sobrevivência, são definidos perfis de cargos de difícil enquadramento na realidade acadêmica brasileira – tema de conotação midiática.

A incógnita está na indagação: Os gestores de pessoas têm conhecimento das competências e das habilidades de um recém-formado no ensino superior? Ou seguem apenas tendências européias, norte-americanas e orientais para definirem planos de cargos e salários? Obviamente, o *benckmarking*, estratégia de Marketing para superar o concorrente é e deve ser utilizado por estes gestores. No entanto, o viés está na adaptabilidade do processo de planejamento estratégico de carreiras.

Cientes desta conjuntura, os gestores de instituições de ensino superior, no Brasil, direcionam os conteúdos programáticos

(competências profissionais) e o processo ensino aprendizagem (PEA), de maneira a possibilitar ao acadêmico o empreendedorismo e a flexibilidade tão cobijada pelo cruel mercado de trabalho? Entretanto, há um descompasso que foi o fator estimulante para o desenvolvimento deste artigo, no qual o escopo foi aguçar a prática efetiva da docência no ensino superior na promoção da criatividade, da contextualização em sala de aula e do empreendedorismo, visando à empregabilidade tão almejada pelos graduandos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e analítica com caráter qualitativo.

O método de abordagem hipotético-dedutiva e dialética, e o procedimento funcionalista possibilitaram a reflexão sobre a prática da docência no ensino superior mediante a conexão de doutrinas de filósofos da educação e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n.9394/1996 aos resultados de artigos publicados em periódicos nacionais e de anais de eventos científicos tanto nacionais como internacionais.

Resultados

As instituições de ensino superior têm sido alvo de críticas relativas à eventual dificuldade de formar profissionais com características tipicamente vinculadas ao perfil de um sujeito empreendedor, criativo, flexível e visionário. (SOARES; BOTTON, 2011).

Reflexos da sociedade do conhecimento que exige a criatividade permanente e a mudança do perfil profissional, tendo em vista que o próprio mercado de trabalho repele aquele que apenas **sabe fazer** e **não sabe pensar** e **agir**, sendo desgarrado da qualidade politicamente correta (FRANCO, 2000).

No mundo virtual, com a Educação à Distância (EaD), não há barreiras para o crescimento e o desenvolvimento intelectual. Mesmo assim, as instituições de ensino ainda estão aquém para acompanhar a evolução tecnológica da sociedade tanto em termos quantitativos como qualitativos. (KNUPP, 2006).

Teixeira (2005) advoga que os graduandos devem adquirir competências transversais para que, *a posteriori*, possa exercer o ofício profissional com eficácia. Trata-se de um conjunto de rotinas que envolve o **saber**, o **saber-fazer** e o **saber agir**: investigar; enfrentar momentos de avaliação formal; elaborar trabalhos extraclasse; executar atividades individuais e em equipe; e debater em sala de aula de forma reflexiva e prática.

Nos pensamentos de Morin (2003), os docentes do ensino superior têm que tratar de limites da lógica e das necessidades de uma racionalidade não somente crítica ao entorno, mas também autocrítica. Para a formação do profissional do futuro, Alencar e Fleitb (2004) elencam quatro fatores essenciais:

- 1) **Incentivo a novas ideias** – estímulo de habilidades cognitivas e características afetivas associadas à criatividade dos alunos;
- 2) **Clima para expressão de ideias** – postura de respeito e aceitação por parte do professor perante as ideias do alunado;
- 3) **Avaliação e metodologia de ensino** – didática favorável ao desenvolvimento da expressão criativa;
- 4) **Interesse pela aprendizagem do aluno** – estratégias e recursos que estimulem o aluno a construir o conhecimento de maneira criativa.

Nesse contexto socioeconomicocultural de constantes transformações, aclara Perrenoud (2001), o profissional do ensino, além das competências pré-estabelecidas (saberes, conhecimentos, valores, atitudes e habilidades) tem que ser visionário, a fim de superar as expectativas dos alunos em relação à empregabilidade. Daí a necessidade do corpo docente ter conhecimento holístico e valorizar a conjuntura para que possa possibilitar ao aluno ser um agente preparado para as constantes mudanças, como apoiado nos fundamentos de Freire (1996) e Vygotsky (1988).

No estudo de Cunha e Steiner Neto (2005), constatou-se que dentre as metodologias de ensino de cursos voltados ao empreendedorismo, estão: depoimentos de empreendedores, estudos de caso, elaboração de projetos e desenvolvimento de plano de negócios. A intenção é enfatizar o desenvolvimento de elevado potencial de inserção no mercado e de atitudes, comportamentos, habilidades que permitam a formação de um profissional empreendedor, flexível e capaz de se adaptar às mudanças.

Como exposto por Schumpeter (1989), o aluno-empendedor deve entender os ciclos de desenvolvimento do capitalismo, os quais são desencadeados por inovações radicais que desestabilizam o sistema econômico e gera um novo ciclo de expansão. Nesse sentido, Limpert (2008) fomenta uma universidade inovadora e empreendedora que ofereça uma pedagogia diferenciada e atenda às exigências inusitadas da sociedade cambiante, repensando suas convicções por meio de criticidade – estudar novos modos de pensar, ler o mundo, gerar conhecimentos e conduzir o PEA com excelência.

Conforme Pacheco e Moretto Neto (2011), um dos problemas é a falta de formação de profissionais empreendedores. Essa função social é exercida pelos Cursos de Administração e Ciências Contábeis, devido às particularidades existentes entre administradores e empreendedores.

Em consonância com Seção I, parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Comissão de Ensino Superior (CES) n.146/2002, o perfil do bacharel em Administração é estar “capacitado a compreender questões científicas, técnicas, sociais e econômicas da produção e de seu gerenciamento no seu conjunto, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, bem como a desenvolver o alto gerenciamento e a assimilação de novas informações, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas, presentes ou emergentes nos vários segmentos do campo de atuação do administrador”.

Todavia, o que impede aos demais cursos de ensino superior a abordagem do empreendedorismo para um melhor conhecimento do ambiente em uma visão *omnilateral*?

Discussão

A formação escolar, no Brasil, parece que segue na contramão, voltada à estabilidade e à segurança na empresa em que se irá exercer uma profissão, independente de qual seja (SAES; PITA, 2007). Um equívoco, porque no novo cenário, há escassez de emprego formal e os

recém-formados têm que gerir a própria carreira. Acredita Bolson (2005), a educação superior deve se reinventar para formar jovens aptos às oportunidades de trabalho informal, as quais são inúmeras. Para tal, devem aproveitar o *network* como maneira mais rápida de conseguir boas propostas de emprego.

Uma das características necessárias é criatividade nata do ser humano que aflora na infância e, com o passar do tempo, na vida adulta, deixa de utilizar as potencialidades do hemisfério esquerdo do cérebro, seguindo apenas padrões pré-estabelecidos por organizações. Portanto, se o empreendedorismo, na concepção de Dornelas (2008) é a alma do negócio e da empregabilidade, para Ovide (2003) o pensamento criativo deve ser aguçado durante todo o PEA.

Segundo Rodrigues (2011), cabe ao professor universitário, a busca incessante por novas e instigantes linhas de pesquisa, possibilitando a identificação de nichos de mercado para o futuro profissional. Além disso, deve estimular o desenvolvimento da capacidade criativa, do planejamento e da implementação. A postura orientada à identificação de oportunidades para o avanço pessoal e profissional.

Corroborando com, Maculan (2005, p.505) explicita, “o empreendedorismo não pode ser dissociado das novas tendências para a emergência e o crescimento de uma nova economia do conhecimento e da demanda crescente por competências tecnológicas novas. O empreendedor-inovador em potencial é detentor de conhecimentos para os quais não há ainda garantia de geração de um valor econômico positivo devido às incertezas inerentes ao uso desses conhecimentos”.

Como ressaltado por Alencar e Fleitb (2004), estar conectado ao cenário e às tendências facilita o desenvolvimento e a realização do potencial, dependendo do interesse da pessoa, nível de criatividade, *background* de conhecimentos, disponibilidade de tempo, dedicação e comprometimento.

Nada além do que é determinado como finalidade do ensino superior no inciso II, Art. 43, Cap. IV – Da Educação Superior, Lei n.9394/1996, “formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua”.

O que faz correlação com os preceitos de Morin (2003), por ser o momento de dar um basta ao ensino bancário que apenas favorece ao aluno ter uma **cabeça cheia** – arquivo de dados. A educação contemporânea deve propiciar ao graduando, no caso em questão, a **cabeça bem feita** – saber contextualizar todo o conhecimento

adquirido e construído ao longo dos anos acadêmicos. A Psicologia do Conhecimento passa pela epistemologia e pelo conhecimento crítico, recorrendo às ciências cognitivas tão pouco interligadas.

Fundamentando-se em Abud (2001), não basta apenas **saber** (conhecimento empírico) e **saber-fazer** (conexão entre teoria e prática), o profissional somente sobreviverá no mercado de trabalho e fará diferença com o **saber-agir** (flexibilidade para atuação em momentos diversos e situações adversas).

Evidencia Rodrigues (2002), “o profissional que souber dialogar com a realidade de modo crítico e criativo, e tiver capacidade de unir **saber e mudar**”, não só sobreviverá a qualquer revolução tecnológica, respondendo às novas exigências do mercado, como se sobressairá frente aos concorrentes.

Até meados da década de 1990, era ínfimo o índice de docentes de ensino universitário que tinham mestrado e doutorado. No novo milênio, com acessibilidade à educação, são inúmeros os títulos de mestre e doutor acadêmico. Todavia, a cobrança não para aí, ainda há pós-doutorado e livre docência.

E, sabe quando isto deve parar? Nunca! Resultado da sede pelo conhecimento e da necessidade de se aprimorar, haja vista que o conhecimento tem durabilidade de dois anos. Um bem indispensável para suprir as expectativas do sistema capitalista. Entretanto, tantos títulos acadêmicos do corpo docente em instituições de ensino superior favorecem a formação profissional do graduando?

Na concepção de Bosi (2007), simplesmente, a tarefa do docente de ensino superior é disseminar o empreendedorismo – um dos mais antigos e eficientes artefatos ideológicos do capital – para convencer e converter ao trabalho homens e mulheres que buscam pela dignidade.

À luz dos ensinamentos de Morin (2003), a necessidade histórica impõe a definição de métodos de ensino que detecte e não oculte ligações, articulações, imbricações, interdependências e complexidades da educação, ainda mais no ensino superior.

Conclusão

A promoção de um ensino superior de qualidade deve suprir as necessidades dos profissionais diante às exigências do mercado de trabalho. Por isso, os métodos que viabilizam e tangenciam uma avaliação fidedigna devem ser alinhados à real expectativa de mercado em consonância com a projeção do graduando neste cenário acelerado, audacioso e extremamente competitivo.

Elucida-se aos gestores de ensino superior que não basta o profissional de educação ser excelente na prática de suas atividades laborais, é indispensável que seja capacitado para a docência. Profissionais que se destacam em suas categorias agregam e muito valor à construção do conhecimento no ensino superior, porém, de nada adianta se não tiver domínio dos conteúdos a serem ministrados, não fazer uso adequado de tecnologia da informação (TI) como recursos didáticos e, essencialmente, se não tiver o **dom da palavra** – não souber disseminar todo conhecimento adquirido ao longo de sua vida pessoal e profissional.

Referências

- ABUD, M.J.M. **Professores de ensino superior**. Taubaté: Cabral, 2001.
- ALENCAR, E.M.L.; FLEITH, D.S. Inventário de práticas docentes que favorecem a criatividade no ensino superior. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v.17, n.1, p.105-10, 2004.
- BOLSON, E. L. Faculdades produzem desempregados. Publicado em 2005. Disponível em: <http://www.tchaupatrao.com.br/ensino-uniser.htm>. Acesso em: 15 ago. 2011.
- BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**. v.28, n.101, p.1503-23, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBDEN)**, n.9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proejalei9394.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2011.
- CUNHA, R.; STEINER NETO, P.J. Desenvolvendo empreendedores. **Anais do XI Seminário Latino-Iberamericano de Gestão Tecnológica**. 2005. Salvador, 2005.
- DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo**. São Paulo: Elsevier, 2008.
- KNUPP, J. Reflexões sobre o docente no ensino superior brasileiro. Rio de Janeiro: Corifeu, 2006.
- FRANCO, M.E.D.P. Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior. In: MOROSINI, M.C. *et al.* (Orgs.). **Professor do ensino superior**. Brasília: MEC, 2000. p.61-73.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIMPET, E. O ensino com pesquisa. **Linhas Críticas**. v.14, n.26, p.5-24, 2008.
- MACULAN, A.M. Analisando o empreendedorismo. **Anais do IV EGEPE**. 2005. Curitiba, 2005, p.497-507.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC), Conselho Nacional de Educação (CNE), Comissão de Ensino Superior (CES). Parecer n.146, publicado no Diário Oficial da União (DOU) n.90, em 13 maio 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/14602DCEACTHSEMDTD.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. São Paulo: Bertrand, 2003.
- OVIDE, M. **Psicología de la educación del adulto**. Rosário: HomoSapiens, 2003.
- PACHECO, A. S. V.; MORETTO NETO, L. A contribuição do curso de administração da universidade federal de Santa Catarina para o desenvolvimento de competências empreendedoras. Departamento de Ciências da Administração. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/1655>. Acesso em: 10 ago. 2011.
- PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: ArtMed, 2001.
- RODRIGUES, A. A inovação estratégica no contexto competitivo das universidades. Disponível em: <http://www.pucrs.br/inovapuc/parte3/capitulo7.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.
- RODRIGUES, P. Relação ensino-pesquisa. **Rev. Cienc. Inform.** v.3, n.5, 2002. Disponível em: http://www.dgz.org.br/out02/Art_05.htm. Acesso em: 10 ago. 2011.
- SOARES, J.C.V.; BOTTON, P. Desenvolvimento empreendedor. Disponível em: http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/art_cie/art_13.pdf. Acesso em: 10 ago. 2011.
- SALES, D.X.; PITA, F.H.S. Empreendedorismo no ensino superior: uma abordagem teórica. **Management Rev. Cienc. Empres.** v.4, n.2, p.33-41, 2007.
- SCHUMPETER, J.A. **Business Cycles**. New York: Mc Graw Hill. 1989.
- TEIXEIRA, E. **As três metodologias**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- VYGOSTKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.